

## **BRUXES:**

Algumas bruxas nasciam assim: microcosmos que acessavam um pouco do divino, sensíveis ao mundo místico e aos fios no tear da existência. Eram poderosas, sensíveis, mediúnicas. Eram corpos mortais, mas falavam a língua da magia.

Essas bruxas tinham os olhos da face cegos e olho da mente aberto. Viam os cheiros dos sentimentos e sentiam os sons dos pensamentos. Sentiam o gosto das intenções, ouviam a verdade turva nas mentes confusas. Ouviam as energias que os vivos emanavam. Tinham pouca noção de identidade, dissidentes das sociedades, dos seus cotidianos e das demandas estranhas de uma forma rígida de tratamento. Eram, desde a sua concepção, partes do tudo e partes do nada. E existiam porque a mortalidade precisava de alguém que ajudasse a navegar o mundo mágico, tão cheio de armadilhas, tão intolerante à imaturidade dos seres humanos.

Eram, quase sempre, guardiãs de locais sagrados, de criaturas efervescentes de poder. Eram cuidadoras e, por vezes, eram também os alertas do Infortúnio, que sussurrava que logo viria, deliciado com os erros humanos. Por isso eram elas que a humanidade buscava nos momentos de desespero. E em quem os animais confiavam quando precisavam de algo. Com o poder de fazer magia, mas principalmente de suavizar o mal do mundo.

Essas eram as bruxas abençoadas pela magia. Não como as Fadas, que eram a magia em si, mas vidas que a magia havia tocado quando surgiram. Semimortais, poderosas, e ainda assim, quase sempre inertes, entregues a serem parte da explosão expansiva dos cosmos.

Havia outros, porém. Os que se tornavam Bruxas.

Amadureciam como bruxas. Estudiosas e alquimistas, pesquisadores. Pessoas que se embrenhavam no mundo mágico, ávidas por entender o pouco de que fossem capazes. Muitos se sentiam curiosos, atraídos pela ideia de feitiços e

comandos. Esses não eram bruxas, bruxos ou bruxes. Apenas o eram aqueles que entendiam a magia com deferência e cuidado, sem serem corrompidos pela ganância por um poder emprestado. Aqueles que consagravam seus laboratórios, guardavam com esmero seus materiais, purificavam seu redor com fumaça, pediam com gentileza aos feitiços que desejassem se realizar e convidavam os elementais para ajudar.

Pessoas educadas na bruxaria, que estudavam com afinco para ter um pouco do vocabulário que o universo usava para falar. A quem eram concedidos pela existência pequenos toques do poder mágico.

Anciãos, Sábios e, por vezes, Rainhes.

Era comum que Rainhes instruissem-se na bruxaria. Era parte da responsabilidade de gerir uma nação. Tal poder compunha a natureza de suas funções.

Princeses tinham a obrigação de conhecer com precisão assuntos variados. Ainda assim, tinham o luxo de dias abençoados pela inocência, livre do peso de ter tantas vidas nas mãos. Uma fase protegida das consequências.

O trono, por sua vez, exigia mais. As obrigações de comandar um reino se entrelaçavam em cada ação, cada deliberação e cada fala, pesadas e fatídicas. Um peso medido em pessoas e futuros. Um peso que a coroa tinha. Um peso que a varinha tinha. Um peso que o saber tinha. O peso de ter que tomar decisões. O peso do preço pago pela posição.

Pelo custo de serem rainhes, debruçavam-se nos conhecimentos da bruxaria. Não se podiam dar à negligência de se absterem do cuidado e das exigências inerentes ao trono.

Se tornar Bruxe era enfrentar as linhas finas do que era possível ao se aconselhar com os espíritos. Era barganhar com o divino por proteções. Era uma forma de evitarem pragas, prevenirem doenças, orientarem negócios, anteciparem

catástrofes. Faziam feitiços, poções, encantamentos, elixires, divinações. Eram Regentes de nações. Diplomatas perante a magia. Poderosos em seu saber e em suas existências.